

O *ser-motricio*

Sérgio Oliveira dos Santos¹

Resumo: O *ser-motricio* é um fenômeno objetivo, subjetivo, intersubjetivo e transcendente, só possível de ser compreendido se criarmos, metodologicamente, um acesso novo, ou seja, novos modos de “visá-lo”. Diante do desafio de formular e dar sentido a uma nova realidade compreensiva é necessário entrelaçar distintas linguagens. Esse ensaio apresenta as primeiras aproximações compreensivas sobre o *ser-motricio*, explorando recursos das linguagens do texto, da imagem, da música e outras mídias.

Palavras Chave: Ser-motricio; motricidade humana; linguagens.

Abstract: “*Ser-motricio*” is an objective, subjective, intersubjective and transcendental phenomenon, only possible to be understood if we create, methodologically, a new access, that is, new ways of “aiming” it. Faced with the challenge of formulating and giving meaning to a new comprehensive reality, it is necessary to interweave different languages. This essay presents the first comprehensive approaches to “*ser-motricio*”, exploring resources of the languages of text, image, songs and other media.

Keywords: “Ser-motricio”; human motricity; languages.

Sensibilização

Desde o início, para que a totalidade da experiência que propomos tenha melhor efeito, convidamos o leitor a realizar alguns “exercícios apreciativos”. Isso vai ampliar a compreensão do fenômeno do *ser-motricio* pela exploração das múltiplas linguagens.

Apreciação 1

Comece ouvindo a canção “Feeling Good”, na interpretação de Nina Simone (1965). Acesse o link <https://www.youtube.com/watch?v=oHs98TEYecM> e desfrute. Mais adiante, como poderá comprovar, a apreciação sugerida fará sentido!

Introdução

Compreender o fenômeno do *ser-motricio* é ir ao encontro da essência do objeto de estudo da motricidade humana. Trata-se de uma formulação que preconiza as noções de ser humano, corporeidade, motricidade, práxis criadora e linguagens, de forma integrada. É fundamental a compreensão dos horizontes do *ser-motricio* já que todas as ações humanas, bem como a educação, estão diretamente relacionadas ao modo de vivência, interpretação e compreensão desse fenômeno.

O que vislumbro não é a delimitação de um objeto de estudo como referencial epistemológico, mas a revelação de um universo fenomenal que tende a mostrar-se como condição ontológica humana. “É que o ser que a *ciência da motricidade humana* estuda é tanto *mistério* como problema – é o ser humano, cuja verdadeira natureza é *na(sci)tura*, está para nascer, dado que o homem é um projeto vital” (SÉRGIO, 1991, p. 103).

Metodologicamente optei pela fenomenologia-hermenêutica para constituir os princípios que permitirão orientar as análises, compreensões e interpretações do *ser-motricio* na dimensão da *práxis criadora*, seu habitar autêntico.

Tratarei de um fenômeno que não separa o agente da ação e, principalmente, de seu entorno. Por isso, o que proponho é uma reflexão capaz de compreender que a ação humana é mais ampla e profunda do que analisar padrões mecânicos dos movimentos corporais ou desempenho biodinâmico, sem desmerecer esse tipo de estudo, mas afirmando que essas abordagens, ou espessuras compreensivas, não enfrentam a questão da *essência do ser que se move* o que, do ponto de vista da educação, tem fundamental importância conhecer.

Como inscrever um “novo valioso” para o fenômeno do *ser-motricio*, considerando sua essência, entrelaçado com seu entorno de existência? Assim, “essa inscrição da ação humana num outro campo distinto do movimento e da causa, suscita problemas epistemológicos consideráveis que será

¹ Doutor e Mestre em Educação – UMESP (Universidade Metodista de São Paulo). Pesquisador em Motricidade Humana, Linguagem e Educação.

preciso pôr diretamente a tentar resolver” (RICOEUR, 1988, p. 13). Sugiro que, além de sua natureza biodinâmica e epistemológica, a ação humana, como experiência vivida, pode ser compreendida como problema fenomenológico-hermenêutico e ontológico.

Revelar as dimensões do *ser-motricio* é uma tarefa complexa, contudo, a partir do momento que estamos envolvidos em algum tipo de ação, independente da forma, nos encontramos imersos num “tipo” de realidade espaço-temporal criadora muito específica, i.e., certa “atmosfera” que podemos delimitar como exclusivamente humana. Tratar do *ser-motricio* não é como tratar de um conceito que se aplica no mover de um ente qualquer, apenas como uma realidade objetiva, mas é explorar a complexa dimensão do ser humano em ato, especialmente diante das múltiplas expressões linguísticas entrelaçadas com sua natureza *bios*. É necessário desvelar outros caminhos compreensivos que dêem conta das realidades não mensuráveis e intangíveis da ação humana, aquilo que QUINTÁS (2016, p. 28) entende por dimensão ou “campo de realidade” dotada de iniciativa criadora, chamada de “realidades ambitais” ou “âmbitos”.

É possível conhecer quais os princípios, quais as essências e quais os fundamentos das distintas formas de *ser-motricio* desenvolvidas culturalmente?

Ao distinguir um movimento do corpo em direção a “ação” de um *ser-motricio*, supera-se a validação da execução de um movimento apenas por critérios empíricos, o que nos permite avançar da significação da relação causa-efeito (teleológica) para adentrar na compreensão da essência da motricidade humana, ou seja, *agir em busca da plenitude da existência*, portanto, *transcender* os condicionantes biodinâmicos. É nesse horizonte que vamos aprofundar a análise.

Para Manuel Sérgio transcender é um imperativo humano. O *ser-motricio* é a essência desse imperativo e, podemos dizer que ocorre em momentos muito específicos da temporalidade.

Mas, o que significa “transcender” nas expressões do corpo em ato?

É esse “momento na espaço/temporalidade”, próprio das ações do *ser-motricio*, que vamos explorar. Não é nossa pretensão dizer o que é o *ser-motricio*, mesmo porque não compreendemos que seja possível delimitar, num conceito fechado ou definição estática, um fenômeno que flui ininterruptamente num fluxo circular espiralado. Isso seria uma contradição. O fenômeno do *ser-motricio* é a expressão da complexidade humana, espaço de encantamento diante do imponderável, onde a totalidade está aí, mas não é possível abstrai-la por completo. Assim, qualquer tentativa de definir o *ser-motricio* numa única razão é incorrer no empobrecimento da compreensão. “O *ser* é uma interpretação que chama outra interpretação. Não existe um sentido de ser, mas *um* sentido de ser que depende de outras interpretações (...) o ser se diz de muitos modos...” (JOSGRILBERG, 2014, p. 73). Desejamos compreendê-lo com propriedade suficiente para revelar essências singulares e universais que possibilitem ações educativo/formativas coerentes com o fenômeno investigado.

É parte da própria complexidade humana a capacidade de interpretar sua experiência, isso indica que *ser-motricio* não é apenas uma forma de estar no espaço-tempo como empiricamente se define, mas é um devir, é um estado de completude, é como apreciar uma belíssima obra de arte sendo ela mesma a observar-se, é a potencialidade da ação que o humano sedia no encontro com o corpo próprio².

Portanto, a tarefa de compreensão do *ser-motricio* é a ampliação da visibilidade de seus modos de realizar-se nas experiências situadas, trata-se de um “salto qualitativo” de dimensionamento de realidade.

***Ser-motricio*: um léxico para compreensão do fenômeno da motricidade humana.**

O léxico permite a observação e o entendimento de um determinado fenômeno. O léxico torna a experiência possível de ser tratada pela linguagem, tendo em vista que, por mais abrangente que seja, não consegue a expressão de sua totalidade. É nesse sentido que proponho aprofundar o termo *ser-motricio*.

Na obra de Manuel Sérgio aparecem muitas passagens que remetem ao modo de ser humano em ato intencional, essência da motricidade, apesar do autor não utilizar o termo *ser-motricio*. Mesmo com um foco epistemológico, que revelou o objeto de estudo da Ciência da Motricidade Humana (CMH), Manuel Sérgio nos convida ao estudo fenomenológico-hermenêutico da motricidade. Em parte, é desafio ampliar os horizontes de investigação iniciado por ele, o que permite tornar visível e mais facilmente compreensível o próprio objeto de estudo da CMH, ou como dou preferência, *a apreciação da motricidade humana na vivência, compreensão e interpretação fenomenológico-hermenêutica do ser-motricio*. O termo “*ser-motricio*” já aparece em Eugenia Trigo e colaboradores (2008, p. 38):

...el **ser motricio**, es un ser en su unidad, en su totalidad corporal; no es un yo consciente tratando de generar de la mejor forma un movimiento corporal, **sino un yo-cuerpo dirigido intencionalmente a su mundo para interactuar y realizarse allí.**

² Cf. Conceito de corpo próprio em: MERLEAU PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Mundo – corporeidad se tejen como hecho y esencia donde ambos no pueden distinguirse, ya que el campo no se ve desde afuera sino desde el centro del Ser, los presuntos fenómenos – mundo, y los sujetos encarnados en un tiempo y en un espacio son acoplados en las dimensiones y generalidad de mi cuerpo y sus ideas que quedan incrustadas en las articulaciones. Entre cuerpo y mundo se encuentra la vida misma, por supuesto, nuestra corporeidad. (*grifos nossos*).

Nesse caso podemos notar a preocupação da autora em apresentar elementos que referenciam o *ser-motricio* como fenômeno humano, o que para nosso propósito é muito valioso. Destacamos sua perspicácia em tratar do *ser-motricio* como um *corpo-que-sou e onde intencionalmente busco realizar-me*.

Vamos explorar então, no transcorrer do texto, as essências que possibilitem radicar elementos compreensivos do *ser-motricio* com mais clareza e propriedade, já que delimitamos um “termo” que possa ajudar a compreensão desse fenômeno.

O *ser-motricio* em Manuel Sérgio.

A partir do antropólogo Arnold Gehlen, Manuel Sérgio coloca em relevo o fato de o homem saber a si mesmo como um “ser carente”, portanto visa a todo o momento “passar do reino da necessidade ao reino da liberdade” (SÉRGIO, sd, p. 46). Assim, como o homem não nasce como ser especializado faz-se necessário valer-se da *práxis*, “precisa superar suas carências, agindo!” (SÉRGIO, sd, p. 46). Desse modo, a carência e incompletude do humano o coloca na condição de “ser práxico” (SÉRGIO, sd, p. 46).

O conceito de homem nas obras de Manuel Sérgio revela um caminho antropológico filosófico existencialista tornando possível a proposição de construção do conceito de *ser-motricio* e tomá-lo como o objeto de estudo da motricidade humana.

Nesse passo, vamos demonstrar que o *ser-motricio* não é um ser que está diante do mundo, mas é parte do próprio mundo porque nele age de modo *co-implicado*. Sua existência não é apenas biológica já que, consciente de sua carência e finitude, projeta-se na temporalidade e na espacialidade, faz mover-se como projeto. O corpo em ato não é um conjunto de movimentos unicamente utilitários “...a motricidade surge e subsiste como emergência da corporeidade, como sinal de quem está-no-mundo para alguma coisa, isto é, como sinal de um projeto” (SÉRGIO, 1994, p. 30). O projetar-se no mundo é o estado de consciência do *ser-motricio*. Essa condição não se pode explicar somente pela predisposição biológica do ser ou por análise de padrões de movimento (sem desconsiderá-los).

Ser-motricio é condição de pertencimento de seu próprio *ser-no-mundo*. “Movo-me, logo existo: há assim uma ínsita garantia de que a motricidade sugere aspectos essenciais da existência e é, com toda a certeza, a sua expressão mais imediata” (SÉRGIO, sd, p.15). Ser, existir, *estar-no-mundo*, situar-se em espaço-temporalidade corpórea que se manifesta na motricidade. Um estatuto ontológico que se radica na corporeidade, na motricidade e suas múltiplas expressões linguísticas. *Ser-motricio* é um estado de construção permanente numa dimensão complexa do existir. “Ser humanamente é agir para ser mais” (SÉRGIO, sd, p. 71).

O *ser-motricio* apresenta-se como um modo ontológico do ser humano, cuja expressão de sua autenticidade envolve suas ações numa dimensão que vai além das necessidades de execução técnica, onde determinados movimentos marcam o campo de ação das distintas formas de expressão da cultura corporal humana, pois nele está circunscrito o “ato criador”, aquele que conduz em direção a transcendência e a plenitude. Por isso não entendemos o *ser-motricio* apenas nas “práticas da cultura corporal” ou do esporte. Como o humano é “ser de ação criadora”, ampliamos a compreensão das vivências em múltiplas linguagens e não somente naquelas associadas a “educação de um físico”. Trata-se de um salto qualitativo que expande a compreensão do ser biodinâmico/cultural ao situá-lo para “além de um lugar” ou de “um modo de fazer”.

Não é negar a necessidade de incorporação da técnica do movimento ou de aprimorar as capacidades biodinâmicas do corpo. Esses elementos estão presentes, mas superados pelo “salto qualitativo” que sugerimos, ao situá-los numa condição de sentido, valor e relação, ou seja, numa existência. A técnica corporal “não é um movimento qualquer, mas ações, isto é, movimentos intencionais e, portanto, com significado e sentido” (SÉRGIO, 2003, p. 43).

O *ser-motricio* também abrange a busca da superação e da expressão pela técnica. Porém, ao apropriar-se da técnica, qual é o sentido, o valor e as relações inerentes a ela? Existirá um equívoco ao querer abandonar o ensino e o treino técnico das ações humanas por julgá-las execuções mecânicas desprovidas de propósito. A ação mimética³ do *ser-motricio* é também criadora e não somente reprodutora, já que edifica para si novas possibilidades. O problema não é o treino da técnica e sim os

³ Aqui adotamos a referência de Ricoeur e sua compreensão de mimese como um momento propriamente criativo, é a *mimese-criação* ou *mimese-invenção*. (CASTRO, 2002, p.281-283).

sentidos, os valores, as relações interhumanas, bem como as intencionalidades que estão vinculadas ao treino técnico. Se o *ser-motricio* repete suas ações sem conhecer seu sentido, sem sentir a totalidade harmônica do si mesmo explorando suas percepções, desrespeitando suas intencionalidades e seu potencial criador, aí pode-se dizer que o sujeito não é *ser-motricio* é apenas um “reprodutor” de movimentos.

Para *ser-motricio* é necessário à incorporação da técnica que eleve o ser a novas possibilidades, que torne relevante a práxis criadora, como apropriação e configuração de “valor”, não só de um movimento mecanicamente delimitado. Assim o fenômeno de refazer as ações, pelo treino, não retratam só um movimento mecânico, tende a mostrar a abertura de outros possíveis de sentido, valor e relação do *ser-motricio*, o que compreendemos como re-jogo ou re-experiência. A questão aí reside que: *a habilidade de execução pode ser treinada pela “prática”, já o sentido, os valores e os modos relacionais interhumanos não se edificam pelo mesmo método. Não há como “treinar” o sentido, os valores e as relações inerentes a ação por repetição. Apontamos, portanto, uma importante distinção entre a “prática de movimentos” e a “práxis criadora”.*

Apreciação 2

Para ampliar a compreensão do habitar autêntico do *ser-motricio* como práxis criadora sugerimos a animação “O oleiro”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7GbB9TtzqE0> . Observe como o “ato criador” é uma busca que exige de si a tarefa de “ser mais” de modo *co-implicado* com o outro.

É necessário evidenciar que o *ser-motricio* eleva-se da condição de saber fazer uma vez que, todo o repertório aprendido nas diversas ações, i.e., os conteúdos das formas de mover-se, vem sempre conectados com os sentidos, relações e valores que se juntam a eles. Nenhuma ação do *ser-motricio* pode ser vista só como forma, há uma espécie de “sagrado valioso” em tudo que fazemos.

O *ser-motricio*, não é uma escolha do ser, ou seja, não é uma opção que o humano vai querer ou não habitar. A motricidade é implícita a existência. *Ser-motricio* é um fenômeno ontológico. O modo de *ser-motricio* possui características singulares e universalizantes e se constituem como relação *co-implicada* do *ser-natureza-cultura*.

Devemos nos perguntar: por que o ser humano cria tantos modos distintos de se mover e não se contenta apenas em suprir as necessidades básicas de seus condicionantes primordiais de sobrevivência? Por que o humano não atinge a plenitude de sua existência com as ações que lhes permite a manutenção desses condicionantes biológicos? Será que as distintas formas de fazer e expressar são somente relevantes ao agente humano por sua exterioridade?

Compreendo que o *ser-motricio* é *ser-criador*, pois é *ser-imaginação* (CASTRO, 2002), *ser-de-jogo* (FINK, 1966), *ser-de-linguagem* (GADAMER, 1997), *ser-sensível-inteligível* (FREIRE, 1991), *ser-de-encontro* (SILVA, 2014), *ser-sentiente* (ZUBIRI, 2011), porque é “o desenvolvimento, através do movimento da superação (ou da transcendência) criativa e humanizadora” (SÉRGIO, 1999b, p. 40). É nesse movimento de constante e ininterrupto encontro com instantes de desdobramentos do *ser-motricio* que se dá o “movimento em direção à humanização plena” (SÉRGIO, 1994, p. 95). É a fundamental e determinante experiência vivida corporalmente, materializada no entrelaçamento das ações, sentidos, relações e valores, uma totalidade humana *re-experenciada* e potencializada pelos desdobramentos ilimitados que as múltiplas linguagens permitem.

Esse é “o homem em movimento, com todas as características simultâneas de corporeidade e motricidade, de experiência de corpo e de movimento vivido e interiorizado” (SÉRGIO, 1981, p. 136). É o poder da “capacidade para o movimento centrífugo da personalização” (SÉRGIO, 1999, p. 148), uma vez que, como condição ontológica do modo próprio de ser humano, “a motricidade é potência, possibilidade, e a potência pode radicar motivos de ordem ética: é o **dever ser** que ainda não é! O Movimento é o acto da potência” (SÉRGIO, 1999, p. 266).

A questão do ser: uma ontologia⁴ para o mover humano.

A ação humana mostra a maneira como estamos adiantando-nos a nós mesmos em interconexão com os horizontes que buscamos vislumbrar a partir das tarefas que estamos envolvidos. A motricidade humana, nesse sentido, é uma dimensão de atuação do corpo que, como singularidade e universalidade de

⁴ A ontologia faz referência a nossa compreensão genérica, ou seja, nossa interpretação do que significa o ser humano. Mais precisamente das dimensões constituintes que compartilhamos como seres humanos e que confere uma forma particular de ser. (ECHEVERRIA, 2003, p.19)

domínio ontológico, move-se como intencionalidade do *si mesmo co-implicado* no mundo circundante, i.e., o estado de realização⁵ da corporeidade, onde o ser entende-se diante de si mesmo no mundo com os outros.

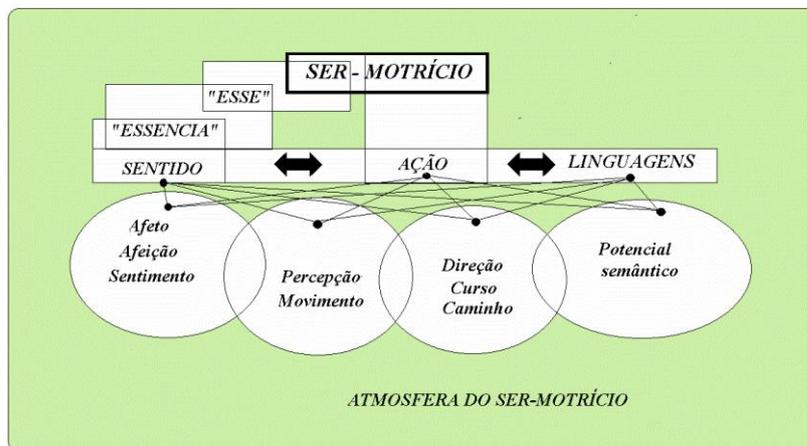
Apreciação 3

Para ampliar a compreensão da busca de realização do *ser-motricio*, da necessária condição de “existir em ato intencional”, convidamos a assistir ao anúncio publicitário “Break Free”, onde é possível sentir o fenômeno que está sendo relatado. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=gXfLl3qYy0k> e relacione com o texto. Faça suas próprias interpretações para dialogar com o que está sendo apresentado.

O estado de plenitude de realização é um momento de “existência-ação”. É ao mesmo tempo absorto e conectado com o mundo. O *ser-motricio* é assim uma condição que “dá-se” no tempo-espaço e o preenche, não porque simplesmente o ocupa, mas especialmente por que dá a ele sentido. O ser manifesta-se como projeto. O projeto é essencialmente uma abertura de possibilidades que o ser tem diante de si. *Ser-no-mundo* é *ser-pra-si* e *ser-para-os-outros*, é uma trama de sentidos, relações e valores em que “co-vivemos” e “co-movemos”.

O *ser-motricio* está mais ligado à ação, ao projeto de realização, a intencionalidade que deseja vivenciar as possibilidades em ato, assim é a corporalização da intencionalidade. Já o *ente-motor* refere-se às coisas que se movem, a coisificação do movimento, o corpo matéria que se desloca no espaço-tempo, a objetivação da forma, o aspecto estrutural do movimento que está sujeito a processos de aferição e classificação. A motricidade humana envolve a compreensão do *ser-motricio* e não do *ente-motor*⁶. A motricidade, por esse prisma, não trata só do movimento do ser humano mais também dos sentidos e valores que os humanos formam a cerca de seus modos de *ser-motricio*, i.e., sua essência.

A essência – “*essentia*”, onde o termo “esse” refere-se a “sensu” ou “sentido” o mesmo que “ser”, portanto a *essência do ser é o sentido e, a essência do sentido é a ação, e a potência da ação são as múltiplas possibilidades lingüísticas*. Na palavra “sentido” adotamos a compreensão de quatro distintas e complementares interpretações: 1) como desdobramento da essência e seu potencial semântico; 2) como horizonte a desvelar, curso, caminho, percurso, direção; 3) como sensação dada pelos órgãos do sentido do corpo humano, propriocepção, sensoriomotor, percepção; 4) como afeto, afeição e sentimento⁷. Daí vale dizer que um dos mais importantes elementos de revelação do *ser-motricio* é o entrelaçamento ação-sentido-linguagem, compreensão necessária para nos tornar “apreciadores da motricidade humana”, o que implica numa concepção de apreciar que considera a vivência e o “sentido”, como nas formulações apresentadas na figura abaixo.



⁵ “A categoria de *realização*, obedecendo ao princípio da *totalização*, nos conduz assim ao limiar da síntese entre a essência e a existência, na qual o discurso pode afirmar a igualdade inteligível entre o *sujeito* (o Eu no movimento da sua automanifestação) e o ser (manifestado na ordem das categorias encadeadas pelo discurso)”. Cf. VAZ. H.C.L. **Antropologia Filosófica 2**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 174.

⁶ O ser está mais relacionado a ação, ao projeto, às possibilidades de realização. Está em busca de corporificar suas intencionalidades. Já o ente, i.e., “a coisa”, como referencial de ação, referenda a “coisificação do ser”, a coisificação do corpo, a adjetivação da forma.

⁷ Há uma importante distinção entre o “sentido” e o “significado” segundo Josgrilberg (2014, p.18). O “sentido” aponta para uma amplitude semântica maior que a do significado. O significado é o modo como o sentido é delimitado pela língua. O sentido abrange outros campos semânticos. O significado tende aos conceitos e o sentido tende a metáfora. O autor (*ibidem*, p. 69) aponta que a palavra sentido possui, em muitas línguas não somente para o sensível (da percepção) como também para o sentimento, para o sentido de direção assim como senso de conhecimento.

Para atingir o modo de essência da ação do ser, sua motricidade necessita de sentido e esse sentido implica projetar-se nas possibilidades de *ser-no-mundo*, *ex-sistir* (projetar-se, expandir-se, tornar-se). A existência humana não é fixamente determinada. Estamos sempre nos projetando na temporalidade/espacialidade. O *ser-motricio* é um ser que busca horizonte, expressão e sentido por realizar (STEIN, 1996, p. 36), não é um “meio para chegar” de um ponto a outro, é uma infinidade de modos de existir, assim, não é dado só para satisfazer sua condição biológica, mas sua plenitude ontológica. O *ser-motricio* não está restrito e determinado pelos fins vitais imediatos, “ao contrário, significa conhecer além das estrelas, perceber além do invólucro da adequação costumeira do cotidiano a totalidades das coisas existentes, além do meio ambiente o mundo que o abrange” (PIEPER, 2007, p. 35). O *ser-motricio* não é algo acabado, está sendo, é narrativa que se faz, é interação de vivência, experiência e interpretação. A motricidade é a possibilidade de colocar o projeto de *ser-motricio* em realização numa infinidade de possibilidades de formas.

A essência do *ser-motricio* é a própria condição do seu existir, portanto, uma condição ontológica. A existência entrelaça-se com a essência, o si mesmo é motricio, o si mesmo não é exterior ao movimento do corpo. É com o si mesmo que nos movemos, assim o si mesmo é o próprio movimento (ARÉVALO, 2010, p. 51). Por isso, existir, é *ser-motricio*.

Podemos a partir daí afirmar que *ser-motricio* está o mais próximo da essência do existir já que está “mergulhado” numa dimensão específica do tempo constituído pela consciência humana. Pode-se predizer que a essência e o modo de ser humano é *ser-motricio*, pois o *ser-motricio* rompe com a possibilidade do nada já que se realiza como possível, *é o que move-ser* e não existe porque pensa, como no cogito cartesiano, mas porque interatua, modo fenomenal dos atos humanos tomados como formas ativas de “ser”. O que quero dizer é que o *ser-motricio* não pode ser visto como um objeto cujas partes se articulam mecanicamente e seu funcionamento cognitivo está desconectado da corporeidade vivida.

Esse fenômeno é compreendido como “enação”⁸ que propõe que a cognição “não é a representação de um mundo preestabelecido elaborada por uma mente predefinida, mas é antes a atuação de um mundo e de uma mente com base numa história da variedade das ações que um ser executa no mundo” (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2001, p.32).

Ser-motricio como plenitude ontológica.

A plenitude é a natureza da sobreabundância⁹, é o que transborda porque excede aquilo que pensamos estar no limite. Não se trata de um recipiente que tem seu espaço interno preenchido por algo. A plenitude é uma condição que, quando se está nas fronteiras de seu “limite” expande-o para outros horizontes, uma eterna busca do inesgotável, não preenche totalmente, não há completude como meta final, como alvo a ser atingido, pois, “a experiência radical da finitude é sempre a experiência da ultrapassagem da finitude e a mostraçõ de um horizonte de infinitude” (OLIVEIRA, 2012, p. 246). Há o estado ontológico de *ser-pleno* mais não esgotado, pois, pelo abalo existencial promovido pela ação autêntica e criadora “o homem experimenta a não-conclusividade desse mundo cotidiano: transcende-o, dá um passo além dele” (PIEPER, 2007, p.12).

Isso significa que, o estado motricio de plenitude não se encerra em si mesmo, abre-se em outros possíveis, em outras dimensões e horizontes, onde novos estados de plenitude emergem. Se a motricidade humana tem a transcendência como uma de suas características fenomenológicas, como vimos em Manuel Sérgio, essa não se dá sem entrelaçar-se com as raízes ontológicas do *ser-motricio* em estado de *expressão autêntica da plenitude dos possíveis*¹⁰.

⁸ Enação é um termo proposto por Francisco Varela e significa “fazer emergir” cuja terminologia vem do inglês “enact”, cujo significado é “figurar”, “por em ato” “promulgar”. Não é possível, segundo a ideia de enação, separar os processos sensoriais e motricios, a percepção e a ação da cognição, portanto, a cognição é uma ação corporizada. (ROCCA, 2015)

⁹ Francisco Varela – Entrevista. Conceito de *Shunya* do sânscrito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Bx8cTiTmeU>. Último acesso em: 19/10/2016.

¹⁰ “A categoria da *realização* deve mostrar exatamente os caminhos através dos quais a unidade *estrutural* do homem se cumpre efetivamente nas formas de *relação* com que ele se abre às grandes regiões do ser que circunscrevem o lugar *ontológico* da sua situação e da sua finitude. Sendo uno como *ser-em-si* (substância ou *ousía*), o homem deve realizar essa unidade como *ser-para-si* ou como existente para o qual existir é *viver* a unificação progressiva do seu ser. (...) *in acto primo* (ou como unidade *essencial*) pela dialética interna da estrutura nos silogismos da inteligibilidade *em-si* e *para-nós*. Desdobra-se *in acto secundo* (ou como unidade *existencial*) através das formas da relação ativa do homem como o *ser*: objetividade, intersubjetividade e transcendência. Trata-se, pois, existencialmente, de uma unidade *in fieri*, ou unidade que se constrói pelo exercício dos atos que vão traçando o itinerário da vida que deve ser sempre *una*.” Cf. VAZ. H.C.L. **Antropologia Filosófica 2**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 144.

Ser-motricio não é só um estado de *ser-mais*, mas de *ser-pleno-de-possíveis*. É ir ao encontro da descoberta e da apropriação do si mesmo na condição de *ser-co-implicado*, porque como condição de ser de plenitude “procede também de unidade *físico-biológico-antropossociológico* e revela a complexidade do humano, que me atrevo a fundir numa única expressão: *ser conscientemente tudo o que se é, ser intelectual (e efetivamente) tudo que se pode ser!*” (SÉRGIO, 1995, p. 17). Vislumbramos aqui uma ontologia dos possíveis motrícios, numa aproximação entre o estado de plenitude com a categoria de totalidade. Como diz Blondel (1937, p. 33) “Se eu não for o que quero ser, se eu não for por meus atos o que eu quero com convicção, não como simples desejo ou projeto, mas de coração, com todas as minhas forças, então eu não sou”.

Apreciação 4

Conheça a história de Ahmad Joudeh e compreenda o que significa a busca para viver a plenitude de seus possíveis como *ser-motricio*. Observe a força entrelaçada do sentido, da ação e da expressão num contexto situacional co-implicado. No link: <https://www.youtube.com/watch?v=vqJQOMZCiwY>

A *co-implicação* do *ser-motricio* se desdobra em nuances que se complementam: a *co-implicação* com o *si mesmo*; a *co-implicação* com o mundo natural; a *co-implicação* com o mundo cultural; a *co-implicação* com outros *seres-motrícios* e a *co-implicação* com a espiritualidade¹¹.

Há um estado primordial de *co-implicação* do *ser-motricio* que reside na consciência encarnada, um inevitável entrelaçamento entre *corpo-mente-espírito*. O modo essencial de *ser-motricio* é condição indissociável da percepção com o movimento, i.e., não há como haver percepção sem que a motricidade esteja implícita. Como aponta Iraquitan de Oliveira Caminha (2008, p. 333): “Se a experiência de perceber é pôr-se a ver aquilo que se põe a aparecer, ela tem fundamentalmente implicações motrízes”. Segue afirmando o autor que o ser que percebe também expressa uma relação com o mundo tendo como base a possibilidade motrícia do corpo. Em continuidade de sua análise o autor aponta que a percepção é proveniente do modo como o ser vai ao encontro do mundo através e com as ações de seu corpo, portanto, o modo de *ser-motricio* é a própria inscrição do ser no mundo.

O *ser-motricio* é o *ser-da-percepção* que releva a condição primordial do “eu posso” que precede a ideia da razão instrumental do “eu penso”. Assim afirma Caminha (2008, p. 337) que: “a motricidade, enquanto intencionalidade originária, não é puro ato de significação ou uma pura função de representação que se opõe totalmente ao modo de ser das coisas como se, na experiência de perceber, os dados sensíveis e a significação fossem separados. O *ser-motricio* vive um *situar-se móvel pelo mundo*, não somente como deslocamento “físico”, mais também como deslocamentos de sentidos, valores e relações.

O *ser-motricio* é um modo de presencializar e ascender ao mundo dos possíveis de forma dinâmica. O mover humano, com intencionalidade de *ser-mais*, é um modo de ser que vislumbra preencher a existência, por que sou pleno quando meu *ser* flui desdobrando seus possíveis. Amplio-me em potencia quanto mais exerço minha plenitude e experimento a criação e a totalidade dos modos de ser. A plenitude ontológica do *ser-motricio* só é possível na razão proporcional da incompletude, que é o princípio do estado *co-implicado* com o outro. A *co-implicação* é o modo do *ser-motricio* de existir na incompletude. Sem essa consideração não é possível à plenitude do *ser-motricio*.

O *ser-motricio*, considerando o anunciado precedente, tem como tarefa encontrar-se em estados de plenitude e não só atingir metas fixas e pré-determinadas¹². Se o ser edifica-se somente com metas projetadas como alvo fixo, permanentes e imutáveis, ao alcançá-las, ao invés de ter em si a sensação de conquista, o que se tem é uma sensação de vazio, pois, “cuando cada instante se vive de um modo pleno no es preciso buscar sentido alguno para la existencia proyectando en un futuro” (ROCCA, 2015).

Delimitar metas e persegui-las é diferente de ir em direção a um estado de consciência que permite vislumbrar horizontes, mover-se com a energia desencadeada pela deseabilidade, que conduz o

¹¹ A questão da *co-implicação* do *ser-motricio* com a espiritualidade é observada na quantidade significativa das vivências que revelam o sentido de presencializar a experiência com uma realidade de um “sagrado valioso”. Esse não será tema de aprofundamento, no entanto é importante considerá-la também como uma intencionalidade do *ser-motricio*. O tempo natural e a temporalidade humana construtora de sentidos e significados especialmente vivificados nos distintos corpos que habitam os distintos lugares do planeta devem incluir também as plenitudes vividas pelas experiências onde a motricidade revela a trama do *ser-motricio* com a experiência do “sagrado valioso”.

¹² A mesma perspectiva de compreensão entre meta e formação aparece com Gadamer (1997, p. 50) ao afirmar que: “No fundo, formação não pode ser meta, não pode ser, como tal, desejada a não ser na temática refletida do educador”. O autor segue afirmando que formação é mais do que um cultivo de aptidões pré-existentes que responde a tarefa determinada.

ser ao encontro com a plenitude de seus possíveis realizados. E mais, as condições ressonantes que possam surgir a partir daí, como por exemplo, a constatação consciente de que é um *ser-criador*.

Muitas vezes as metas são delimitadas para o *ser-motricio*, mas, pouco se pergunta sobre o motivo de atingir as metas, qual a essência de persegui-las, ou o que sinto quando projeto-me em direção a elas. Se o *ser-motricio* exercitar “o sentir com atenção” às essências de seu agir, perceberá que o desejo de sua ação é *ser-pleno-de-possíveis, descobrindo e apropriando-se* na condição de *ser co-implicado*. Ao atingir uma meta o *ser-motricio* celebra o seu estado de plenitude e não somente a meta em si. Alcançar um propósito de ação, numa ontologia motrícia, não expressa seu fim na coisa em si (finalidade), mas no encontro com o si mesmo e na sua implicação com o outro. O fenômeno da *co-moção* - no sentido de “mover com”- refere-se a uma energia primária da ação e o seu sentido último, uma circularidade, onde não há fim, somente recomeços. O que emerge dessa condição é o *ser-motricio* implicado em sua ação, não somente para satisfazer uma demanda particular e isolada da realidade relacional em que está situado. A *co-moção* é uma ação que responde a um apelo ao outro. Trata-se de um compromisso do *ser-motricio* consigo mesmo do qual o outro está implicado por um tipo específico de afeto que reconhece a busca de *ser-mais*.

Considerar a plenitude e a realização como condição ontológica do *ser-motricio* pode impactar a educação de modo contundente, em especial no que diz respeito a objetivos e processos de avaliação. Considerar os princípios das ações, ou seja, o solo originário de onde surge o desejo de *ir-em-busca-de*, e seus possíveis desdobramentos, para desfrutar da plenitude da experiência vivida, tem conotação muito distinta de tão somente realizar tarefas das quais os princípios são desconhecidos.

Há uma significativa distinção entre uma vivência desconectada da autenticidade do desejo de “ven-ser”, no sentido de “vir-a-ser”, daquela que intenciona atingir uma ou mais metas que não serão capazes de levar-me ao estado apreciativo de meus possíveis, provavelmente submetidas a processos de aferição, cujos dados não serão capazes de elevar a minha experiência aos estados de plenitude, que, vale lembrar, são impermanentes, reorganizativos e *co-implicados*. Pode-se até chegar a uma euforia ou alegria superficial e passageira, mas não ao estado da plenitude. Assim, *ser-motricio* é o encontro incessante com a plenitude ontológica co-implicada.

A personalização e a construção do *si-mesmo-motricio* é dado em estado de *co-implicação*. É uma práxis criadora vivida no intervalo da temporalidade capaz de potencializar as experiências dessa *co-implicação*. Não há uma condição de individualização da consciência frente à outra consciência que a razão intelectual sobrepõe sobre a experiência do *ser-motricio*. Para ser ontologicamente motrício o pensar já é resultante da *co-implicação* que a corporeidade vivencia e as mediações das linguagens potencializam. O *ser-motricio* é a essência materializável da travessia na temporalidade a realizar.

Ao encontrar-se polarizado para fora, mas também atraído para a consciência de si mesmo, pelo desenvolvimento da apropriação de seu corpo e da consciência crescente de seus desdobramentos, o *ser-motricio* transcende e, não o faz sozinho, *se é mais e para mais encontrar-se no outro* a amplitude da consciência de seu ser situado, resultado da ressonância da plenitude *co-implicada*. Por isso deseja viver em torno de uma atmosfera onde seus possíveis de ação possam realizar-se e desdobrar-se. Como aponta Manuel Sérgio (sd, p. 65): “há vocação destinal do homem, como ente onde o intuito assomou, para tornar possível a manifestação ontológica e a realização de mais ser do universo”.

Apreciação 5

Para concretizar esse conjunto de argumentos que tratam do fenômeno do *ser-motricio* como plenitude dos possíveis, potencializado pelo valor narrativo, veja um evento publicitário que destacou esse tema: a peça publicitária da “Skol Ultra”, que se encontra no link: <https://www.youtube.com/watch?v=RMC5eLPWDNQ> e veja se reconhece algo familiar.

Esse anúncio tem como música tema, interpretada por “praticantes de atividades físicas” que aparecem no vídeo, à canção “Feeling Good”¹³. É a canção com que sugerimos começar nosso percurso compreensivo. Vemos que a música apresenta metaforicamente um estado de plenitude humana que, por não ser capaz de reduzir a ação a um dado mensurável, precisa da metáfora para que possamos compreendê-la.

O valor apresentado para as vivências é claramente vinculado à plenitude dos possíveis de ação que cada *ser-motricio* experimenta em sua narrativa. Não há comparação de resultados, não há classificação e dados mensuráveis próprios das práticas esportivas institucionalizadas e que configura a

¹³ Música originalmente composta por Anthony Newley e Leslie Bricusse para o musical britânico “The roar of the greasypaint – the smell of the crowd” de 1964. A música é interpretada, na peça musical, pelo personagem “O negro”. A interpretação utilizada para o estudo foi de Nina Simone de 1965. Veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHs98TEYecM>. Acesso em: 01/02/2017.

identidade *idem*¹⁴ como compreende Ricoeur (2014). Fica evidente que o sentido dado à experiência é a de “Totalidade”, como aborda Jolif (1970). Observamos também que, em diversas cenas, aparece a relação dialética entre o *tempo do trabalho* e o *tempo da experiência motrícia* como uma vivência de “realidade superobjetiva” (QUINTÁS, 2016) onde, destacadamente, o *tempo da experiência* ganha o revelo de tempo autêntico e pleno, um “novo valioso”. Há um componente de valorização que renova a vivência do tempo por meio das ações da corrida. O contexto da propaganda apresenta uma compreensão de vivência que possa exprimir certa recusa a viver somente enclausurado no tempo repetitivo e produtivo da rotina diária do trabalho, para viver a dimensão temporal do sentir-se a *si mesmo* no tempo presente (LIPOVETSKY, 2004, p. 80).

Vejamos a seguir a letra da música utilizada na propaganda e sua tradução.

Feeling Good	Me Sentindo Bem
Birds flying high you know how I feel Sun in the sky you know how I feel Breeze driftin' on by you know how I feel	Pássaros voando alto, você sabe como me sinto Sol no céu, você sabe como me sinto Brisa passando, você sabe como me sinto
It's a new dawn It's a new day It's a new life For me And I'm feeling good	É um novo amanhecer É um novo dia É uma nova vida Pra mim E estou me sentindo bem
Fish in the sea you know how I feel River running free you know how I feel Blossom on the tree you know how I feel	Peixe no mar, você sabe como me sinto Rio correndo livre, você sabe como me sinto Florescer na árvore, você sabe como me sinto
Dragonfly out in the sun you know What I mean, don't you know Butterflies all havin' fun you know what I mean Sleep in peace when day is done That's what I mean	Libélula ao Sol, você sabe o que eu quero dizer, não sabe? Borboletas se divertindo, você sabe o que eu quero dizer Adormecer em paz ao fim do dia Isso que eu quero dizer!
And this old world is a new world And a bold world For me	E este velho mundo é um novo mundo E um corajoso mundo Pra mim
Stars when you shine you know how I feel Scent of the pine you know how I feel Oh freedom is mine And I know how I feel Feeling Good	Estrelas quando brilham, você sabe como me sinto Aroma do pinheiro, você sabe como me sinto Oh a liberdade é minha E eu sei como me sinto Me Sentindo Bem

¹⁴ Vemos que as instituições formativas do *ser-motrício*, tanto na educação como no esporte, tem privilegiado um modo de acesso da realidade motrícia, por um tipo de discurso, cuja linguagem estabelece critérios de medida, comparação e classificação em estruturas objetivadas, que tende a construir uma identidade normativa, padronizada e de diferenciação, por peculiares características fisicamente constatáveis. Para Paul Ricoeur (2014), esse conjunto hierárquico de significados atribuídos ao ser corresponde à identidade *idem*, onde se dá a identidade de caráter mais permanente no tempo, definida como *mesmidade*. Ricoeur, por outro lado, nos apresenta uma identidade narrativa para o *si-mesmo* que denomina identidade *ipse*, que se refere à *ipseidade*, o que abre o ser numa dimensão de alteridade e que não se reduz à um *si-mesmo* comparado à outro. Torna-se, pela identidade *ipse*, mais relevante uma dimensão de implicação, i.e., num *si-mesmo* na qualidade do outro (RICOEUR, 2014, prefácio – XV). A identidade narrativa, segundo o autor, se revela na dialética entre a *ipseidade* e a *mesmidade*. No caso específico das vivências, há um universo de configurações narrativas que poderiam ser exploradas pela linguagem referenciadas por acessos hermenêuticos, que, em diálogo com os dados objetivados, poderiam compor outras estruturas valorativas. A dimensão dialética de aspectos objetiváveis do *ser-motrício*, próprios da identidade comum *idem* com suas dimensões subjetivas, intersubjetivas e transcendentais, constituintes da identidade narrativa *ipse*, tornam possível a experiência da “Totalidade”, experiência essa só acessível de modo dinâmico.

A canção é interpretada pelos “praticantes” durante a realização de seus exercícios o que demonstra, pelo recurso linguístico metafórico, o sentido original e a essência da experiência, revelando propriedades ontológicas do *ser-motricio*. Segundo Paul Ricoeur (2014, p. 193) há o sentido de bens imanes às práticas que constituem a teleologia interna da ação que expressam fenomenologicamente as noções de interesse e de satisfação, que não deve ser confundida com a sensação de prazer ou de “falsa plenitude”¹⁵, aquilo que López Quintás (2016) chama de “vertigem”. Há nesse conceito de bens imanes da prática um ponto importante na formação da estima de *si mesmo*.

Esse anúncio publicitário cria uma dimensão valorativa distinta daquelas observadas nas instituições educativas e esportivas tradicionais, que ainda se estruturam numa divisão do tempo da experiência formativa, a partir do controle dos modos de fazer, que respondem a critérios de produtividade estandardizados, onde se exige resultados eficientes em prazos cada vez mais curtos. Há diante disso uma relação paradoxal entre a formação humana promovida pelas instituições educativas e esportivas, com vistas ao maior rendimento no menor tempo, massivamente constituídas por criteriosos processos valorativos de identidade *idem*, com o modo como a propaganda projeta uma identidade narrativa baseada em outros componentes antropológicos e ontológicos, como quem declara a presença de um oásis no deserto inautêntico da fragmentada vida cotidiana.

Por isso pergunto: se a mídia é capaz de apresentar “novos horizontes compreensivos” para a ação humana, qual é a dificuldade que tem a educação para encontrar novos métodos de compreensão do *ser-motricio*?

Considerações finais

A partir da apresentação das primeiras aproximações que orientam a compreensão do *ser-motricio*, destacamos algumas características:

- 1) É um fenômeno de expressão da complexidade humana cuja totalidade e plenitude não cabem num conceito e sim na compreensão de seu modo de existir.
- 2) É um modo de agir corporalizado numa relação imbricada entre percepção-motricidade-mundo. Estado de realização do ser que se move na busca da plenitude de seus possíveis, num encontro do *si mesmo co-implicado*.
- 3) Trata-se de um fenômeno evanescente que se dá no espaço-tempo preenchendo-o, não só por que o ocupa mais porque dá a ele sentido e valor. *Ser-motricio* é um ser que busca horizonte, expressão e sentido. Não está no espaço, habita uma atmosfera de fusão da corporeidade e sua potencialidade de realização.
- 4) *Ser-motricio* é transcendência, pois sua realização é a expansão do modo de ser, pois, não é acabado, é narrativa, é tarefa. Projeto de *ser-mais*. Abertura de horizontes possíveis tendo a práxis criadora como modo autêntico de ser.
- 5) Revela a *co-implicação* que evidencia a intersubjetividade. Um diálogo incessante entre o singular e o universal. *Ser-motricio* é a marca da *co-implicação* com o si mesmo, com o outro, com o mundo natural e com a cultura. É um modo de *situar-se móvel* pelo mundo.

Quiçá a educação tome esses elementos como aportes para avançar qualitativamente nas propostas de suas vivências formativas.

¹⁵ Compreendemos como falsa plenitude um processo de vivência, sentido, relação e valoração onde não se observa um processo criador do *ser-motricio*. Na falsa plenitude não se dá o estado de autoconsciência e a *co-implicação*. Nela as ações são geradoras ou da autodestruição ou da destruição de estruturas e valores humanos universais. Na falsa plenitude há enganação, descomprometimento ético e desalinhamento biodinâmico com o mundo natural. A falsa plenitude habita dimensões perceptivas da realidade espaço/temporal sem que haja um ato conscientemente implicado com o si mesmo e com o entorno, uma ação efêmera, pobre de sentido e conteúdo. No mundo do consumo, na idealização excessivamente midiática, na política de autobenefício, na necessidade de vencer o outro para edificar o ego, no uso de drogas e outras mediações que alteram estados psíquicos e orgânicas sem o desejo da cura, entre outros, compreendemos como ações provocadores de estados de falsa plenitude.

Referências

- ARÉVALO, S.T. Corporeidad y lenguaje: acción como texto y expression. **Cinta Moebio**, n.37, 2010, p.44-60. Disponível em: www.moebio.uchile.cl/37/toro.html
- BLONDEL, M. **L'acção**. Paris: Librairie Felix Alcan, Tome II, 1937.
- CAMINHA, I. O. Percepção e motricidade. **Revista Cronos**, Natal – RN, v.9, n.2, julho/dezembro de 2008, p. 333-347. Disponível em: <http://www.periodicos.ufm.br/cronos/article/view/1780>
- CASTRO, M.G.A. **A imaginação em Paul Ricoeur**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. Sobre a imaginação criadora, p. 300-301.
- ECHEVERRIA, R. **Ontologia del lenguaje**. Chile: J.C. Saéz Editor, 2003.
- FINK, E. **Oasis de la felicidad**. Centro de Estudios Filosóficos – Universidad Nacional Autónoma de México, 1966. “El juego no es una manifestacion marginal en la paisaje vital de los hombres, un fenómeno que aparece ocasionalmente, algo contingente. El juego pertenece esencialmente a la condicion ontologica de la existência humana, es un fenómeno existencial fundamental”, p. 11.
- FREIRE, J.B. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.
- GADAMER, H.G. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. A linguagem como horizonte de uma ontologia hermenêutica, p. 636.
- JOLIF, J-Y. **Compreender o homem: Introdução a uma antropologia filosófica**. São Paulo: Editora Herder, 1970.
- JOSGRILBERG, R. O mito, uma interpretação metafórica. In: JOSGRILBERG, R.; LAUAND, J. **Estudos em antropologia e linguagem**. São Paulo: Factasch, 2014.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- OLIVEIRA, M.A. **Antropologia filosófica contemporânea: subjetividade e inversão teórica**. São Paulo: Paulus, 2012.
- PIEPER, J. **O que é filosofar**. São Paulo: Loyola, 2007.
- QUINTÁS, A. L. **O conhecimento dos valores: introdução metodológica**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Compendium, sd.
- _____. **Filosofia das actividades corporais**. Lisboa: Compendium, 1981.
- _____. **A pergunta filosófica e o desporto**. Lisboa: Compendium, 1991.
- _____. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- _____. **Motricidade humana: um paradigma emergente**. Blumenau: Ed. Da FURB, 1995.
- _____. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- _____. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

ROCCA, A.V. Francisco Varela: neurofenomenologia, enfoque enactivo de la cognición, mente si yo u el elusivo fenómeno de la consciencia. **Revista Observaciones Filosóficas**, n.20, 2015. Disponível em: <http://www.observacionesfilosoficas.net/fvarela-nerofenomenologia.htm#>

RICOEUR, P. **O discurso e a acção**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **O si mesmo como outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SILVA, C.A.F. A dança da vida: Buytendijk e a fenomenologia do encontro. **Revista de Estudos filosóficos** n° 13, 2014, p. 73-86. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>

STEIN, E. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPURS, 1996.

TRIGO, E. & Colaboradores. **Motricidad humana y gestion comunitária: una propuesta curricular**. Universidad del Cauca. Popayán, 2008.

VARELA, F. ; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente corpórea: ciência cognitiva e a experiência humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

VAZ, H.C.L. **Antropologia filosófica 2**. São Paulo: Loyola, 1992.

ZUBIRI, X. **Trilogia: a inteligência senciente**. São Paulo: É realizações, 2011.

Recebido para publicação em 09-02-17; aceito em 10-03-17